



EDITORIAL

Ecologia e energia eléctrica

Duas importantes razões explicam a coincidência privilegiada do Verão (tal como definimos climaticamente em Portugal) com acentuadas reflexões acerca de questões ambientais e ecológicas. Em primeiro lugar, as férias — além da liberdade do espírito — favorecem-nos, com mais assiduidade, o sentido psicológico da rusticidade e do prazer do mar; por outro lado, o efeito das conspurcações avalia-se, fisicamente, por grandeza cuja equação de dimensão coincide com a relação massa (do que conspurca) pelo volume (do que dilui). Quando rios e ribeiros levam águas que chegam ou sobram, a poluição (na óptica social) desvanece-se. Aviva-se, todavia, com o acentuar das secas estivais. Diríamos, até, que as sujidades ambientais se relacionam com as estações do ano, segundo observância da ciência mesológica relacionada com os homens.

Quando o frio aperta, o inverno regela os campos e branqueia de neve o meio ambiente, até as *manchas* panorâmicas causadas por *agressões* arquitectónicas ou por *monstruosidades* cometidas por destrambelhadas urbanizações, quase se apagam com a transmutação invernal do cenário natural.

No inverno, os homens fecham-se por dentro e vivem mais a sua própria intimidade; no Verão, aviva-se-lhes no espírito o sentido ecológico do relacionamento da vida com o ambiente natural que o cerca.

A energia eléctrica é praticamente inócua no seu relacionamento com o meio ambiente, em quanto respeita a transporte, distribuição e consumo; quanto à produção, essa inocuidade pode fracassar em função da fonte primária transformada: a hidrodinâmica, contudo, quase sempre se salva. Mas nem sempre: a hidroelectricidade, com efeito, quando se sofre de secas prolongadas, é causa da inadaptação social dos homens ao ambiente transformado, porque os lagos artificiais, à míngua de água, são apenas desolação entre margens lodosas e contrastam com o panorama

habitual; felizmente, quando as albufeiras se enchem de novo, o vector social reaccionário muda de sentido.

A produção de electricidade por via térmica (a partir de combustíveis fósseis ou nucleares) é dos alvos mais privilegiados entre os que mais concitam a militância dos preceitos ecológicos.

No domínio da problemática da energia, temos a convicção de que, nos próximos dois ou três decénios (antes de quaisquer fontes primárias renováveis substituírem significativamente os meios de produção que nos abasteceram durante o nosso século) a humanidade vai combater, com valimento e resultados suficientes, a poluição e a perdição desgastantes que, com justificada evidência, ameaçam o seu futuro.

Fundamenta esta expectativa acalmante, a certeza de que, ao serviço da ecologia (que se pode qualificar de ciência dispersa e abstracta) o avanço das tecnologias de aplicação concreta, na química, na higiene, na segurança e sanidade médico-social, no ordenamento territorial, etc., (em evolução progressiva) será factor de mudança, influente e gradualmente eficás, para capacitar novas técnicas e sistemas tendentes ao equilíbrio ecológico socialmente satisfatório.

Como novidade, em nossos dias, aparecem em muitos lugares da Terra, movimentos doutrinários (melhor dizendo partidários) que se comportam como militantes de uma *ecologia sócio-política*, que talvez pretenda revolucionar o Mundo, no trilho da revolução francesa de há dois séculos. Parece-nos evidente que são ultrapassados desmedidamente os limites da ciência ecológica para os domínios da ciência da vida humana na sociedade (a sociologia) a qual se interessa especialmente pela natureza e pelo crescimento dessas sociedades. Não nos parece que a filosofia daquelas doutrinas neste campo venha a revolucionar o Mundo, porque lhes falta a concretização creditícia da doutrinação socio-económica, teoricamente inseparável do desenvolvimento social.

F. do A.